

Crónicas do mês

Política interna

I) — Mais uma... — Depois da nossa última crónica, em que fizemos referência, ao movimento militar de 19 de Abril, mais uma tentativa a acrescentar às inúmeras revoluções e revoluçõeszinhas que têm marchetado os quinze malfadados anos do regime republicano. «*Un de plus*» — comentam risinhosamente os jornais estrangeiros ao darem conta do último golpe de estado. Já ninguém estranha... No entanto as circunstâncias em que se desenvolveu o ambiente revolucionário e as particularidades da revolução em si dão margem a alguns comentários que faremos desinteressadamente, pois só como portugueses as faremos,—como portugueses que sofrem dos males de Portugal, mas se consideram inteiramente à parte das mesquinhas lutas políticas de hoje em dia.

II) — Luta entre pigmeus. — Logo nos primeiros dias que seguiram o jugular do movimento de 19 de Abril, todos pensaram que o período revolucionário continuava. O próprio governo vitorioso assim o entendeu quando impôs ao parlamento que o estado de sítio fôsse prolongado por um período muito mais largo do que fôra até então dos nossos costumes.

Dentro de pouco tempo o General Sinel de Cordes, cujo prestígio militar se foi alargando dia a dia, era transferido do Forte da Graça, em Elvas, para a fragata *D. Fernando*. Falava-se em vários generais revolucionários. Citavam-se nomes. Os jornais aludiam sem disfarces a reuniões de oficiais. Ninguém escondia que era um facto o divórcio do exército e dos poderes constituídos.

A queda do governo Vitorino Guimarães,—um semi-analfabeto, sem nenhum valor, que outro, de igual talento, mas de manhosas habilidades, o Sr. António Maria da Silva substituiu, veio exasperar ainda mais a situação, afinando os ódios das cáfilas políticas e trazendo à supuração uma ignóbil roupa-suja que a todos os homens honestos provocam nauseante repulsão.

a e suas famílias, profunda-
carinhoso conforto recebidas
esperado, que a todos feriu
s colectividades, instituições
oas e amigos que o acompa-
deração, apreço e pezar que
. Não podem deixar de espe-
cipais de Elvas e Monforte,
ensa do País e da vizinha Es-
acompanharam e se referiram
cável interrompeu e fez parar-
s e se confessam eternamente
lapso que involuntariamente

ia Nunes da Silva Sardinha
Rosário de Sousa Sardinha

III) — **O parlamento abre falência.** — Sem força parlamentar para se manter no governo, o Sr. Silva, que alcançara a maioria irrisória de um voto na primeira votação, caía pouco depois numa luta inglória que demonstrou com exuberância a que repugnante baixeza desceu a ânsia do mando dos profissionais da política. Houve um deputado, tão ignorante como presunçoso, um homem que tinha sido ministro e assinou com uma cruz projectos de reformas da instrução pública, houve um deputado que falou durante nove horas sem uma ideia, sem um argumento, sem um fugaz brilho de palavra, só para obedecer às ordens do chefe que lhe mandara que *falasse, falasse, falasse*. Esse homem, que se pavoneava depois cheio de orgulho pelo recorde que alcançara, pensa ter atingido a immortalidade com essas nove horas de palratório imundo. Ridícula glória, essa, que o há-de fazer lembrado como símbolo de um regime de corrupção e de um parlamento inconsciente de sub-mediocres. Mas não lhe poremos nós aqui o nome.

IV — **O 19 de Julho.** — Já então se malograra a tentativa revolucionária que ficará conhecido pelo «19 de Julho».

Quais as intenções desta revolução? Parece que as mesmas do anterior pronunciamento de Filomeno da Câmara e Raul Esteves. À frente do «19 de Julho» aparecem, em terra, o capitão Baptista, que fugira de S. Julião, para onde fôra depois da derrota do Parque; no mar, comandava agora os revoltosos de bordo do *Vasco da Gama*, o Comandante Cabeçadas, revolucionário do 5 de Outubro e que nunca mais se havia intrometido em lutas políticas. Servindo-se do grande prestígio de que gosava entre a marinhagem, Mendes Cabeçadas tomou posse do cruzador *Vasco da Gama* por entre aclamações da tripulação; — mas teve de render-se poucas horas depois quasi sem combater, quando verificou não ser possível já então alcançar a vitória. A linha de conduta, o arrojo, a nobreza do Comandante Cabeçadas; — a valentia do Capitão Baptista e dos seus companheiros, despertaram a simpatia de todos os bons portugueses.

Mas a revolução malogrrou-se, agravando-se o estado da política nacional.

Tendo caído o governo do Sr. Silva, o Presidente da República, sem obedecer às indicações parlamentares que lhe mandavam entregar o governo, com a dissolução, aos chamados *nacionalistas*, tenta reconduzir um governo saído do *Partido Republicano Português*, a facção que o elegeu e a que o autor das *Cartas sem moral nenhuma* guardou no mais fundo da alma uma gratidão enternecedora. Sua Excelência, que procede para com os *nacionalistas* como homem que não esquece agravos, mostra para com os *democráticos* que também não esquece favores.

V — **Conclusões.** — Verificara-se que o Exército não verificou-se agora que não está satisfeita a Marinha de Guerra com as energias nacionais, como sempre succedeu nas grandes batalhas, o Exército e a Marinha de Portugal tem sempre cumpri-mento o seu dever. Cumprem-no agora como sempre. Dizem pretendemos *nada, absolutamente nada* das revoluções feitas com o regime incompatível com o interesse, e até com a vida de Portugal do país neste momento — é preciso dizê-lo, — é preciso organizadas, sem corporações nem municípios, com um exército a marinha sem navios, — se não se juntarem todos os homens contra o tripudiar dos políticos, Portugal é um país sem remediadas nações civilizadas. Falência do regime, — é o menos; — o menos, — é o menos; — falência dos partidos, — é o menos. é salvar Portugal, custe o que custar, dêa a quem doer, sej interêsses que fôr necessário calcar. «*Portugal morre à fal na!*» — ensinou António Sardinha, o mestre inolvidável que nunca se vai sentindo agora. Doutrina já a tem Portugal fazendo numa *crise de autoridade*. Pois bem: se a República essa autoridade, o juramento de fidelidade de todos os milita *República*. Salve-se a Pátria embora se perca a república! —

Política externa

A guerra de Marrocos. — Vão por esse mundo muitos ca res dum comentário ligeiro. Esta crónica, porém, não pode abranger face da terra e por isso limita-se a registar os factos consumados ou a importante de alguma das questões capitais da política internacional.

Questão capital — aqui ao pé da porta — é a guerra de Marroco espírito, que temos quasi a impressão de ouvir o troar dos canhões nos ghreb.

Esta questão de Marrocos suscita aos portugueses pelo menos razões derivam de alguns séculos de história.

Os portugueses foram, com efeito, o primeiro povo europeu a rik e a tentar a conquista do império árabe de Além-Estremo. E se n mais que no litoral, entrincheirados em praças de guerra sem cessar b a própria independência do reino se afundou um dia nos areais ensangu dem dizer ao seu amor próprio, com certa satisfação, que grandes nação formidável superioridade de recursos e armamento sobre o sultanato

Sem força parlamentar para se a maioria irrisória de um voto luta inglória que demonstrou a ânsia do mando dos pro-ignorante como presunçoso, um uma cruz projectos de reformas e falou durante nove horas sem brilho de palavra, só para obe-e falasse, falasse, falasse. Esse gulho pelo recorde que alcança-nove horas de palratório imun-brado como símbolo de um re-nsciência de sub-mediocres. Mas

grara a tentativa revolucionária

rece que as mesmas do anterior aul Esteves. Á frente do «19 de ta, que fugira de S. Julião, para r, comandava agora os revoltote Cabeçadas, revolucionário do ometido em lutas políticas. Ser-tre a marinhagem, Mendes Ca-na por entre aclamações da tri-ras depois quasi sem combater, nçar a vitória. A linha de con-çadas; — a valentia do Capitão m a simpatia de todos os bons

o-se o estado da política nacio-

o Presidente da República, sem mandavam entregar o governo, tenta reconduzir um governo, que o elegeu e a que o au-mais fundo da alma uma gra-cede para com os nacionalistas para com os democráticos que

V — **Conclusões.** — Verificara-se que o Exército não estava contente; verificou-se agora que não está satisfeita a Marinha de Guerra. Perante o desfazer das energias nacionais, como sempre succedeu nas grandes crises da nacionalidade, o Exército e a Marinha de Portugal tem sempre cumprido integralmente o seu dever. Cumprem-no agora como sempre. Dizemo-lo nós que não pretendemos *nada, absolutamente nada* das revoluções feitas dentro de um regime incompatível com o interesse, e até com a vida de Portugal. Mas a situação do país neste momento — é preciso dizê-lo, — é miserável. Sem forças organizadas, sem corporações nem municípios, com um exército desarmado e a marinha sem navios, — se não se juntarem todos os homens de boa-vontade contra o tripudiar dos políticos, Portugal é um país sem remissão no concerto das nações civilizadas. Falência do regime, — é o menos; — falência do Parlamento, — é o menos; — falência dos partidos, — é o menos. O que é necessário é salvar Portugal, custe o que custar, dêa a quem doer, sejam quais forem os interesses que fôr necessário calcar. «Portugal morre à falta de uma doutrina!» — ensinou António Sardinha, o mestre inolvidável cuja perda, mais do que nunca se vai sentindo agora. Doutrina já a tem Portugal, que se esfá desfazendo numa crise de autoridade. Pois bem: se a República não pode dar-nos essa autoridade, o juramento de fidelidade de todos os militares é à Pátria e à República. Salve-se a Pátria embora se perca a república! — M. M.

Política externa

A guerra de Marrocos. — Vão por esse mundo muitos casos curiosos, merecedores dum comentário ligeiro. Esta crónica, porém, não pode abranger quanto se passa sobre a face da terra e por isso limita-se a registar os factos consumados ou a fixar um outro aspecto importante de alguma das questões capitais da política internacional.

Questão capital—aqui ao pé da porta—é a guerra de Marrocos, tão visinha do nosso espirito, que temos quasi a impressão de ouvir o troar dos canhões nos cerros adustos do Moghreb.

Esta questão de Marrocos suscita aos portugueses pelo menos uma curiosidade, cujas razões derivam de alguns séculos de história.

Os portugueses foram, com efeito, o primeiro povo europeu a pagar a invasão de Târik e a tentar a conquista do império árabe de Além-Estreito. E se não conseguiram fixar-se mais que no litoral, entrincheirados em praças de guerra sem cessar batidas da mourisma; se a própria independência do reino se afundou um dia nos areais ensanguentados de Alcácer, — podem dizer ao seu amor próprio, com certa satisfação, que grandes nações europeias, com uma formidável superioridade de recursos e armamento sobre o sultanato semi-bárbaro de Marro-

cos, não lograram ainda subjugar o secular inimigo da Europa cristã e lá andam empenhadas na tarefa exaustiva de combater o mouro descrito...

Abd-el-Krim conseguiu sobre a Espanha uma vitória proveitosa e prestigiante (há que chamar as coisas pelos seus nomes) obrigando as tropas espanholas a abandonar uma parte importante da zona adjudicada ao país vizinho numa partilha feita pelos diplomatas com muita perfécia, mas a que faltava uma pequena circunstância para completa validade: a acquiescência das populações interessadas.

Era um grande passo para a constituição da República do Riff, mas não era tudo. Como urgia coagir a França a dar ensanchas ao novo estado e a reconhecê-lo e também porque se fazia mister dar ocupação às suas tropas—soldados de presa, que não podem subsistir sem a guerra—o ardido chefe marroquino voltou contra a França as suas hostes e há quatro meses que se mantém numa acometida pertinaz, em que os europeus não contam precisamente os êxitos pelos recontros...

A França, que até há pouco olhava com certo desdém o que ocorria na zona espanhola, concertou já com a sua vizinha um esboço de plano para a resistência, ao que Abd-el-Krim parece não haver ligado uma importância por aí além.

Em 16 de Julho o ditador de Adjir recebeu uma carta franco-espanhola, propondo negociações de paz ou coisa muito parecida. Em vez de responder, Abd-el-Krim enviou dois delegados a Tetuão, para saberem directamente de Primo de Rivera as condições de paz convencionadas na conferência franco-espanhola de Madrid.

Significa isto que o chefe marroquino está disposto a cessar hostilidades apenas com a Espanha, com quem, de resto, estão já virtualmente findas desde a evacuação espanhola de quasi toda a zona de guerra?

Talvez. O que sem dúvida significa é, por parte de Abd-el-Krim, a intenção de dividir o adversário, impedindo uma cooperação franco-espanhola, que pode vir a tornar-se decisiva.

E significa, não menos, que Abd-el-Krim quer tratar a paz, não como rebelde, mas como potência, de igual para igual ante as nações, europeias.

Em boa verdade, nem a Espanha, que cedeu ao chefe rifenho a região disputada, nem a França, que há quatro meses com dificuldade consegue conter a arremetida bárbara, podem ainda falar a linguagem decisiva do vencedor.

Há-de levar seu tempo a pacificar, isto é, a subjugar a região marroquina, embora o poder e supremacia das armas europeias permitam esperar uma solução airosa da guerra actual. O que não poderá evitar-se é que, constituídos em estado independente ou continuando orgulhosamente à margem das leis internacionais, as tribus do Riff continuem a viver da depredação e da guerra...

Que isto é, afinal, a lição de mais de cinco séculos de História—desde que os portugueses iniciaram, com o Rei de Boa Memória e os Altos Infantes a reocupação da África pelos cristãos...

O Pacto de garantia.—O assunto mais grave debatido nas chancelarias, continúa a ser o problema das relações da Alemanha com os seus vencedores. A Europa acaba de com-

preender que não é fácil prescindir da cooperação dum país com perto de 70 mil e dotado dum petrechal de trabalho perfeito.

Por isso os vencedores negociam com o vencido, para estabelecer um rança e boa amizade entre as três grandes nações europeias.

O ministro dos Estrangeiros do Reich, Sr. Stresemann, como fiel e convulsa doutrina bismarckiana, procura tirar o possível partido desta situação e não tirá-la facilmente pode supôr-se e é das suas tradições.

Respondendo a uma comunicação francesa referente ao assunto, o dirigente exterior do Reich houve-se de maneira a requerer, da forma mais cordata e a delação dos tratados de 1919, a rápida evacuação de toda a riba esquerda do Reno e de revisão das fronteiras germânicas do Este e do Sul, etc.

A nota do Sr. Stresemann foi recebida em Paris com uma prudente frieza em Londres um bom acolhimento unânime. Até o *Morning Post*, sempre tão prático anti-germânico, fez côro com os seus colegas nos louvores à moderação da resposta dos Estrangeiros do Reich.

O assunto não vai ainda além da troca de uma copiosa e cerimoniosa carta e ha-de passar a seu tempo pela fase verbosa e complicada das conferências. Regra desde já, que a Alemanha está seguindo a tática, tantas vezes proveitosa, de jogar *winning Street* contra o *Quai d'Orsay* e que obteve, a troco de nada, a evacuação do

Enquanto a Alemanha se refaz numa prosperidade desafogada, mercê do timo que lhe facilitaram os vencedores,—entre a França e a Inglaterra está sendo a mais cerimoniosa cortezia protocolar, mas também com o mais inexorável rigor uma feia e quesilenta questão de pecunia.

A Gran-Bretanha é certamente muito afeiçoada à sua aliada de aquém como vai pagando aos Estados Unidos as anuidades da sua dívida de guerra, lem quando à França que as boas contas fazem os bons amigos e pede-lhe que vá por alguma coisa por conta dos 623 milhões de libras, que lhe deve. Ao menos que anuidades que por sua vez paga à América. É certo que os laços de afeição, que países, foram caldeados em quatro anos de camaradagem no sangrento sacrifício... *business is business*... — C. M.

Financeira

O B. N. U. e a crise de Angola

(Breves notas à margem de uma conferência)

Perante um numeroso auditório de políticos, financeiros, e coloniais que se comprimiam na sala Portugal da Sociedade de C. pôs o sr. dr. João Ulrich, governador do Banco Nacional Ultramarino

o da Europa cristã e lá andam empenhadas

... ma vitória proveitosa e prestigiante (há que as tropas espanholas a abandonar uma parte ma partilha feita pelos diplomatas com muita ncia para completa validade: a acquiescência

a República do Riff, mas não era tudo. Como tado e a reconhecê-lo e também porque se fa- os de presa, que não podem subsistir sem a a a França as suas hostes e há quatro meses s europeus não contam precisamente os exi-

cerlo desdém o que ocorria na zona espanhola, o para a resistência, ao que Abd-el-Krim pa-

u uma carta franco-espanhola, propondo ne- de responder, Abd-el-Krim enviou dois dele- imo de Rivera as condições de paz convencio-

disposto a cessar hostilidades apenas com a findas desde a evacuação espanhola de quasi

r parte de Abd-el-Krim, a intenção de dividir espanhola, que pode vir a tornar-se decisiva- rim quer tratar a paz, não como rebelde, mas europeias.

cedeu ao chefe rifenho a região disputada, nem onsegue conter a arremetida bárbara, podem

é, a subjugar a região marroquina, embora o mitam esperar uma solução airosa da guerra uídos em estado independente ou continuando is, as tribus do Riff continuem a viver da de-

inco séculos de História—desde que os portu- s Altos Infantes a reocupação da África pelos

is grave debatido nas chancelarias, continúa a os seus vencedores. A Europa acaba de com-

preender que não é fácil prescindir da cooperação dum país com perto de 70 milhões de almas e dotado dum petrechal de trabalho perfeito.

Por isso os vencedores negociam com o vencido, para estabelecer um pacto de segu- rança e boa amizade entre as três grandes nações europeias.

O ministro dos Estrangeiros do *Reich*, Sr. Stresemann, como fiel e convicto adepto da doutrina bismarckiana, procura tirar o possível partido desta situação e não tira pouco, como facilmente pode supôr-se e é das suas tradições.

Respondendo a uma comunicação francesa referente ao assunto, o dirigente da política exterior do *Reich* houve-se de maneira a requerer, da forma mais cordata e amável, a remo- delação dos tratados de 1919, a rápida evacuação de toda a riba esquerda do Reno, a possibili- dade de revisão das fronteiras germânicas do Este e do Sul, etc.

A nota do Sr. Stresemann foi recebida em Paris com uma prudente frieza, mas obteve em Londres um bom acolhimento unânime. Até o *Morning Post*, sempre tão pronunciadamente anti-germânico, fez côro com os seus colegas nos louvores à moderação da resposta do minis- tro dos Estrangeiros do *Reich*.

O assunto não vai ainda além da troca de uma copiosa e ceremoniosa correspondência e ha-de passar a seu tempo pela fase verbosa e complicada das conferências. Registe-se, porém, desde já, que a Alemanha está seguindo a tática, tantas vezes proveitosa, de jogar com a *Do- wning Street* contra o *Quai d'Orsay* e que obteve, a troco de nada, a evacuação do Ruhr.

Enquanto a Alemanha se refaz numa prosperidade desafogada, mercê do largo emprés- timo que lhe facilitaram os vencedores,—entre a França e a Inglaterra está sendo tratada, com a mais ceremoniosa cortezia protocolar, mas também com o mais inexorável rigor contabilista, uma feia e quesilenta questão de pecunia.

A Gran-Bretanha é certamente muito afeiçoada à sua aliada de aquém-Mancha, mas, como vai pagando aos Estados Unidos as anuidades da sua dívida de guerra, lembra de vez em quando à França que as boas contas fazem os bons amigos e pede-lhe que vá pagando também alguma coisa por conta dos 623 milhões de libras, que lhe deve. Ao menos que a embolse das anuidades que por sua vez paga à América. É certo que os laços de afeição, que unem os dois países, foram caldeados em quatro anos de camaradagem no sangrento sacrifício da guerra, mas... *business is business*... — C. M.

Financeira

O B. N. U. e a crise da Angola

(Breves notas à margem de uma conferência)

Perante um numeroso auditório de políticos, financeiros, comerciantes e coloniais que se comprimiam na sala Portugal da Sociedade de Geografia, ex- pôs o sr. dr. João Ulrich, governador do Banco Nacional Ultramarino, numa

marino, tem, pelo contracto de 1922, *Provincia de Angola*, monopólio que, o e que, estando embora na *intenção* Banco) nem por sombra passou pela to num tal regime; averiguá-lo é im- não o dizer...

*

ociado pelo mesmo contracto — é em

em ouro? Se é em ouro para que se

cto de semelhante dualidade não tem o; mas sob o ponto de vista *dinâmico* m dos pontos mais interessantes do

fixado para o efeito da emissão, mas m de ser feita em escudos, ainda que no momento do pagamento, em rela-

ção crescente da moeda de Angola, o total de escudos, em regime de valo-

ndo um valor-ouro efectivo, duas, três, ue recebeu.

nco não desembolsou ouro algum, mas dos em grande parte, por delegação de onomia do empréstimo!

dos, o senhor dr. João Ulrich produziu *Gazeta das Colónias* não reproduz... e fôrma e desacompanhado da sugestão convincente...

al da necessidade do pagamento em es- circulação papel... a *descoberto*! empréstimo? Mas nenhum ficaria a des- pelo cambio da sua data e não pelo da

O papél-moeda em que o empréstimo foi feito? Recordemos que o mon- tante do empréstimo é 3 vezes superior ao total da circulação e que em tais termos, a um têrço do caminho da amortização, ficaríamos sem meio circulan- te e depois passaríamos a uma *circulação* no domínio das ... quantidades ne- gativas, que bem poderia ser chamado de abstração matemática ou de especu- lação metafísica!

* * *

Combateu finalmente o senhor governador do Banco Ultramarino a ideia da entrega obrigatória ao Govêrno da Província de uma parte, pequena ou grande, das cambiais de exportação com o argumento de não ter a maior parte dessas cambiais cobertura ou realização certa em certo e curto prazo, pois que a maior parte das exportações tem por entreposto Lisboa e por consignatário o próprio exportador que evidentemente não compra a si próprio. O argumento procede, até certo ponto, para exportações em tais condições. Mas já não pro- ceede para todas as outras, *designadamente para as da Companhia dos Dia- mantes* que bem pode, desde que a isso a obriguem, entregar ao Estado 75 por cento das suas cambiais... para que ao menos isso se não perca já que tanto se tem perdido...

Se estas despretenciosas e desvaliosas linhas caírem sob os olhos do actual Alto Comissário de Angola, ousou solicitar a S. Ex.^a uns momentos de reflexão sobre este problema.

E, entretanto, voltarei ao assunto... — Afonso Lucas.

Social

É intenção do Director da *Nação Portuguesa*, organizar agora o *arranjo* desta revista de sorte a poder sempre (ou quasi sempre) incluir as suas secções periódicas. Bom será, pois difícil se torna manter ao lume dagua do revolto oceano dos acontecimentos, o fio inalterável da crónica quando tão largos prazos nos afastam do contacto bondoso do leitor...

Depois, os acontecimentos são muitos e de variadas conclusões a tirar. Maior se torna por isso a dificuldade acrescentando-se da tirania do espaço que nos obriga a um resumo por demasia complicado.

Pôsto isto, tentemos agora uma breve recapitulação.

A luta entre Moscú e Amsterdam. — É evidente que o aspecto mais interessante da batalha sindical internacional tem continuado a ser o duelo de influências entre a *III Inter- nacional Sindical* de Amsterdam e a *Sindical Vermelha*, de Moscú. Luta miserável, meramente

pessoal, onde se não alteiam bandeiras de novos princípios de resgate social mas apenas tabo-
letas de vaidades mesquinhas e de personalismos vãos.

O que distingue na verdade as duas correntes em que se dividiu o proletariado da *II Internacional Operária* de antes da guerra? Ambas proclamam a pureza doutrinária do Marxismo e nenhuma delas cumpre os preceitos do *Das Kapital*, ambas proclamam a necessidade da união proletária e nenhuma delas consegue sacrificar a mínima parte dos seus interesses particulares.

Assim dum lado a mais firme e absoluta intransigência de Amsterdam, do outro a mais profiada tenaz e maquiavélica ofensiva de Moscou. A tática bolchevista tem variado na verdade de aspectos, no fundo, porém não consegue esconder o dedo oculto que a dirige e lhe dá unidade.

Foi primeiro a manobra da «necessidade» da *Frente Única do Proletariado*, depois o princípio—pretexto de combate ao Fascismo, em seguida o método das *Células d'Empresa*, tentativa hábil de minar as massas operárias da Internacional de Amsterdam enquistando nelas o cancro roedor dos núcleos bolchevistas.

Tudo debalde porém, ou quasi. Ultimamente uma tentativa esteve prestes a surtir o desejado efeito. Foi a manobra tentada pelo *Conselho Geral dos Sindicatos Russos* por intermédio de Bramley secretário do *Trade Unions Congress* e sobretudo de Purcell *Trade unionista* favorável ao Sovietismo. A situação algo equívoca dos ingleses definiu-se afinal na reunião do conselho geral da F. S. I. de Amsterdam com a resolução apresentada por Stenhuis e Smith e a qual condiciona toda e qualquer negociação com os sindicatos russos.

a) da filiação destes na F. S. I.

b) da exclusão da Sindical Vermelha como identidade particular no seio da organização geral dos trabalhadores.

É verdade que os *trade unions* continuaram a sua *entente* com os Sindicatos Russos mas o plano da sindical vermelha faliu completamente pois não lograram introduzir-se na F. S. I. de Amsterdam como tanto desejava Losowski e Zinovief e os outros ditadores da *Ditadura sobre o proletariado Russo*.

E assim a luta continuou portanto.

O Socialismo oficial sóbe enquanto o comunismo desce.—No entanto a crise comunista tem-se acentuado. Paralelamente a falência sindical da *Sindical Vermelha*, a falência política do sovietismo nos seus diversos aspectos europeus é iniludível. As eleições inglesas cortaram rentes as azas aos amigos do *Daily Herald* que Moscou inspirava e financiava largamente. Os *Trade Unions* compreenderam a que política suicida os conduzia os excessos do Sr. Macdonald no Poder. Condenado o *sovietismo* por eles a causa de Moscou sofreu na Gran-Bretanha um golpe difícil de curar.

Não só na Inglaterra, porém, a curva das cotações eleitorais marca o descabro comunista. Na Alemanha, na França e na Bélgica o movimento de regresso à *ortodoxia* do socialismo dito oficial é, pode dizer-se, uniformemente acelerado.

Resta pois ao comunismo o caminho da Revolução. Tudo indica as suas esperanças. Em França por exemplo os sinais da conspiração são mais claros, minando o exército com campanhas pacifistas a pretexto da guerra do Fascismo dos generais, dissolvendo os marujos nos grandes portos do grupos de civis género Boligni. Atingirá a capacidade revolucionária necessário para um golpe decisivo em França? É evidente que a resposta condicionada pela atitude dos governantes.

Ousarão estes dissolver as organizações nacionalistas e patriotas poderia eventualmente apoiar em caso de alerta? Até que ponto o radical cúmplice dos aulicos de Zinovief na França?

Eis o que Futuro nos dirá.

A marcha do nacionalismo.—Nesta rapidíssima resenha Pouco mais que uma anunciação dos diversos capítulos do momento so-
plo como historiar a admirável e cada vez mais interessante marcha da grande vitória do conservantismo inglês sobre o Trabalhismo que tentava pelo caminho incerto das aventuras demagógicas. Bem o previra-mos nós a nossa confiança no nacionalismo vigilante da Gran-Bretanha que Donald desde que este puzesse em risco os destinos da nação. O passo em esmagou por largo tempo a aliás grande pujança *trabalhista*.

Mas a grande vitória do nacionalismo inglês é apenas um aspecto grandes progressos da marcha sindical das *corporazioni* de Mussolini. Ho-
as hesitações do *fascismo* sobre o *Sindicalismo nacional* pareciam dar razão a *federazione General del Lavoro*. Não era possível que o nacionalismo das gurasse o sentido dinâmico que Mussolini proclamava como ponto de fé. E vê como ele e nós tínhamos razão.

É esta uma grande vitória da reacção nacionalista. As suas consequências são decisivas.

Em Portugal também o grande movimento do Resgate se acentua. ral Democracia não querem ver os progressos da Ideia Nacional em marcha meno da Câmara—Raul Esteves é um grande signal dos tempos. Rendida justiça à nobreza, a coragem moral, e ao patriotismo destes grandes chefes gimento. Depois dêles o comandante Mendes Cabeçadas, esboçou também protesto contra a política assassina da Nação. Honra lhes seja.

Com estes altos exemplos de patriotismo activo e esclarecido a nação bará por despertar, tenhamos fé. Corações ao alto.

A onda renovadora de nacionalismo que passa sobre a Europa ins salvação dos povos já começa a sentir-se em Portugal Contra ela nada pode e pútrido do Liberalismo decapitado e da Democracia absurda e criminosa.

Hora bíblica! Hora creadora, esta. O caos sombrio da Liberal de é o melhor ponto de partida do Resgate. Um homem, uma palavra, um virá. — **Rolão Preto.**